

**CIVILIZAÇÃO CATÓLICA: D. MACEDO COSTA
E O DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA
NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.**

Karla Denise Martins¹

Na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica lutava contra movimentos que, segundo alguns de seus integrantes, ameaçavam os domínios dessa instituição no mundo. O crescimento do liberalismo na Europa, como também de outros credos, foi responsável pelo aumento da crítica à hegemonia católica em território europeu. Esses movimentos chegaram ao Brasil, levando o clero local a integrar-se na disputa pela sobrevivência do catolicismo nessas terras. Os que lutavam por transformar e “limpar” o catolicismo das supostas impurezas do mundo moderno, ficaram conhecidos como reformadores, romanizadores, ou ultramontanos².

A historiografia que analisou a trajetória do projeto romanizador da Igreja Católica no Brasil destacou a atuação de alguns bispos na Questão Religiosa, conflito ocorrido entre 1872 e 1875. Nesse período, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, e D. Antônio de Macedo Costa, Bispo do Grão-Pará, foram condenados à prisão por terem

¹ Professora de História da América na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Mestre em História pela UNICAMP.

² Segundo David Gueiros Vieira, é difícil estabelecer exatamente a data em que entrou no Brasil o tipo de pensamento que, no século XIX, chamou-se de ultramontanismo. Essa terminologia foi usada desde o século XI para descrever cristãos que buscavam em Roma a liderança espiritual e institucional. Como muitos desses cristãos eram jesuítas, que habitavam para além dos montes italianos, ou seja, na França, passaram a ser denominados de ultramontanos. Cf. VIEIRA, David. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 1980, p. 32.

desrespeitado a autoridade imperial e a Constituição do país³. Pelas proporções conferidas a esse evento, e pela dimensão política que alcançou na época, a Questão Religiosa foi considerada uma marco nas relações entre a Igreja e o Estado no Brasil. No entanto, antes do período referido, D. Macedo Costa pensava em reformas que incidiriam sobre a organização interna e externa do catolicismo. Suas ações não se restringiram ao período do conflito com poder público.

O objetivo deste trabalho, portanto, concentra-se na análise das idéias de D. Macedo Costa sobre o desenvolvimento da Província do Grão-Pará, através do jornal *A Estrela do Norte*, que circulou entre 1863 e 1869, ou seja, antes do período caracterizado como o mais conturbado na história da Igreja Católica brasileira. Não vemos a Questão Religiosa, como um marco divisor das relações entre o clero⁴ e o governo, mas como um entre outros momentos igualmente importantes, muitas vezes desprezados pela historiografia, preocupada geralmente com os marcos consagrados da história política neste país.

Nos textos de D. Macedo Costa e dos colaboradores do jornal *A Estrela do Norte* há expressamente o anseio por transformar a Amazônia. Mas, o pensamento ultramontano estava, pois, sujeito a uma série de interdições, próprias de uma sociedade que tentava adequar-se a determinada concepção de modernidade. Diante disso, vários eclesiásticos e simpatizantes do ultramontanismo, alguns deles vinculados ao Partido Conservador, tentavam conquistar a opinião dos leitores em favor de seus interesses⁵. A imprensa desempenhou um papel relevante, na medida em que

³ Na Constituição Política do Império de 25 de março de 1824, o artigo 5º dizia o seguinte: “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.” Cf. BONAVIDES, Carlos; AMARAL, Roberto. **Textos da História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1996, vol. 8, p. 173.

⁴ Um exemplo disso é a análise de Antônio Carlos Villaça, que tratou a Questão Religiosa como um evento crucial na mudança das relações entre a Igreja e o Estado no Brasil. Ver VILLAÇA, Antônio Carlos. **História da Questão Religiosa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974, p. 151.

⁵ O padre Dr. Mâncio Caetano Ribeiro, nascido em Bragança região próxima a Belém, pertencia a uma família que, nos anos de 1870, tinha fortes ligações com o Partido Conservador da região. Ele próprio defendia os programas desse partido. Foi D. Macedo Costa quem o recomendou para assumir as funções eclesiásticas em Vigia, uma das vilas do Grão-Pará. Ver: MAUÉS, Heraldo. As atribuições de um Doutor Eclesiástico na Amazônia na passagem do século XIX ou como a política mexe com a Igreja Católica. **Revista de Cultura do Pará**, n. 1, jun. 1991, vol. 12, p. 64-65. Havia uma parceria

tal setor precisava divulgar suas propostas. Cabe, no entanto, refletir até que ponto o trabalho desenvolvido por D. Macedo Costa na direção do jornal referido, voltava-se para a elaboração de idéias e ações que atingissem a opinião pública⁶ ou simplesmente para a divulgação de princípios estabelecidos pela hierarquia eclesiástica⁷. Para isso, é necessário compreender, a partir da documentação, a relação existente entre as influências do pensamento europeu e mesmo brasileiro em D. Macedo Costa e as propostas que apresenta para a sociedade em questão.

Em sua obra *O Império do Divino*, Martha Abreu discutiu a imprensa católica para entender “as disputas políticas em torno do papel e dos sentidos do Catolicismo e de sua prática religiosa e festiva”⁸. Referindo-se ao trabalho de Oscar Lustosa, a autora afirmou que, no período entre 1830 e 1870, esta imprensa estava num estágio primário comparada aos periódicos que seriam publicados a partir da Questão Religiosa⁹. Esse primarismo transparecia no formato, periodicidade e conteúdo dos jornais, ou seja, “as folhas eram acanhadas, de pequena duração e não ultrapassavam a marca de um catecismo em forma de periódico quase nunca

política e religiosa entre o Bispo do Grão-Pará e padre Mâncio Ribeiro, expressa por exemplo, no desejo de fundar um Partido Católico na Amazônia.

⁶ Nesse caso, um jornal Católico tem compromisso, em primeira mão, com os adeptos dessa Religião e, com aqueles que, pertencendo a um grupo de letrados, conseguem influir sobre os outros através do meio de comunicação, pois tem o poder sobre ele. Os assinantes do jornal *A Estrela do Norte* pertenciam ao corpo eclesiástico e alguns “homens de boa família”. Apesar disso, consideremos que em se tratando de um veículo, o jornal é formador de uma “opinião pública”, que muitas vezes ultrapassa o universo de leitores do próprio jornal, atingindo de alguma forma, outros segmentos sociais, que são influenciados pelos artigos e notícias veiculados ou acabam contribuindo para a formação e proliferação dos mesmos.

⁷ Segundo Maria Aparecida J. V. Gaeta, o movimento ultramontano teria como umas das principais características a centralização do poder em torno do Sumo Pontífice, ou seja, a busca por uma unicidade católica pautada na hierarquia. Cf. GAETA, Maria Aparecida J. V. *A Cultura Clerical e a Folia Popular*. **Revista Brasileira de História**. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. Dossiê Travessia: migrações, vol. 17, n. 34, 1997, p. 186.

⁸ ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 311.

⁹ A Questão Religiosa constituiu-se numa série de conflitos ocorridos no período de 1872 a 1875, entre uma determinada ala do clero, considerada conservadora, e o Império brasileiro. Alguns Bispos estavam inconformados com a direção de maçons nas irmandades religiosas e passaram a proibir tal presença. O governo imperial leu as proibições como uma desobediência à sua autoridade e à constituição, levando os Bispos a responderem processo pelas proibições e fechamento de irmandades ao Supremo Tribunal do Império, este em 1874, decretou a prisão de D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Macedo Costa, respectivamente Bispos de Olinda e do Grão-Pará.

diário.” Nos anos de 1870, porém, em virtude dos conflitos entre a Igreja e o poder secular, “muitos jornais foram criados, procurando defender o prestígio e as prerrogativas da Igreja Católica Romana”¹⁰. Em consequência disso, jornais como *O Apóstolo*, privilegiado pela autora em sua análise, teriam conseguido penetrar em diversas regiões do país, tomando para si o papel de defensores das causas religiosas, da sociedade e da pátria¹¹.

Roberto Romano, em sua crítica ao “populismo católico”, não atribuiu à imprensa o mesmo papel, ou seja, de principal veículo por meio do qual a Igreja tentou atingir a consciência popular. Uma instituição que carregava quase dois milênios de história, afirmou o autor, possuía capacidade de recolhimento e mergulho na cultura popular que não necessitava dos mesmos meios utilizados pelas elites dirigentes seculares¹². Estes sim consideravam o jornal uma verdadeira benção para o público, dispensando-se do trabalho de formar opinião e formular idéias¹³.

Temos, portanto, duas maneiras de se conceber o papel da imprensa na propaganda católica. Uma que considera a Questão Religiosa como momento de transição entre uma imprensa católica voltada para questões restritas ao âmbito religioso e outra que abriu-se aos grandes temas nacionais. A Segunda considera que a Igreja, no final do Império, estava se expandindo para além dos limites nacionais, ou seja, engajada numa luta de alargamento da ordem católica no mundo. Nesse sentido, para esta última concepção, os clérigos não se viam como defensores da pátria, mas como agentes enviados de Roma para promover a expansão da consciência cristã universal, uma vez que eram emissários de Deus e não de uma autoridade temporal. O caráter transnacional deste Catolicismo desobrigava-os assim de fazer referências às questões propriamente

¹⁰ *Idem*, p. 312.

¹¹ *Idem.*, p. 313-315. De acordo com a autora, “a ação proposta pelo jornal *O Apóstolo* ia muito além do campo puramente religioso, defendia claramente a concepção de uma cidadania católica brasileira”.

¹² ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado** (crítica ao populismo católico). São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1979, p. 111.

¹³ Segundo o autor, “A luta entre Igreja e liberais no período anterior e logo após a instauração da República estabelece-se, pois, ao redor dos objetivos de conquista da opinião pública, pressuposto não afirmado (*et pour cause...*) nas respectivas concepções de soberania. Enquanto a Igreja se refaz como Povo, lançando-se nas massas, com demonstrações públicas de piedade popular, reforçando os seus meios de divulgação de largo alcance, com a imprensa católica, os métodos modernos de catequese, as missões, os liberais jogam-se decididamente no domínio da imprensa, das escolas, da universidade, procurando estabelecer um campo laico ‘superior à massa’, criando uma linha política de produção das elites dirigentes.” *Idem*, p. 107.

nacionais, razão pela qual a imprensa se lhes apresentava como um mero instrumento de propaganda de valores universalizantes previamente concebidos.

Levando em consideração estas abordagens, podemos dizer que a análise sobre a atuação de D. Macedo Costa na Amazônia não pode ser reducionista. Ou seja, os interesses desse clero não eram tão antinacionalistas que deixassem de lado as questões internas à região e mesmo as do Brasil para voltar-se especificamente às preocupações do clero internacional. Da mesma forma, não eram amplamente nacionalistas, a ponto de colocar os problemas brasileiros acima de tudo e de todos, esquecendo que fazia parte de um universo católico maior. Nesse sentido, precisamos de cautela para definirmos os projetos do clero liderado por D. Macedo Costa na Amazônia e entender as suas variações nesse espaço e também no tempo.

Para o Arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa, o fato de a imprensa brasileira ter dado grande cobertura aos eventos relacionados à Questão Religiosa tornou D. Macedo Costa conhecido nacionalmente a partir dos anos de 1870¹⁴. Sem ter aprofundado tal questão, o D. Antônio Lustosa vinculou a imagem do Bispo a este evento, perdendo de vista sua atuação no período anterior, quando dirigiu o jornal *A Estrela do Norte*. O autor afirmou, ainda, que a escassa documentação é um dos problemas para os historiadores conhecerem as atividades de D. Macedo Costa frente ao Bispado do Grão-Pará. Em virtude disso, muitos trabalhos teriam concentrado-se no período em que o prelado frequentou as páginas dos jornais mais importantes do país¹⁵.

David Gueiros Vieira, ao referir-se à obra de D. Antônio de Almeida Lustosa, concluiu que, antes da Questão Religiosa, a vida eclesial e mesmo pessoal de D. Macedo Costa é uma incógnita. Afirmou que existem poucos indícios que clarificam suas ações, antes daquele período¹⁶. O problema, todavia, não é a quantidade de fontes, mas os procedimentos metodológicos e teóricos que orientaram as análises sobre a Igreja no Brasil e, particularmente, na Amazônia. Tais análises consideram, na maioria das vezes, apenas os momentos de maior tensão entre o poder secular e o espiritual, projetando as conclusões daí extraídas para outros momentos.

¹⁴ LUSTOSA, Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa: Bispo do Pará**. 2 ed. Belém: SECULT, 1992, p. 26.

¹⁵ *Idem*, p. 26.

¹⁶ VIEIRA, David. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, s/d., p. 181.

Entre as imagens consagradas por esta historiografia, encontramos a de que a Questão Religiosa representou um embate entre duas tendências antagônicas: de um lado, bispos conservadores, procurando adequar a sociedade brasileira aos valores que a Igreja Romana havia definido; de outro, liberais e maçons, ou seja, grupos em sintonia com as novas tendência do pensamento burguês europeu e norte-americano e que, portanto, significavam a vanguarda da modernidade pensada até então. Num análise dicotômica sempre há o risco de não percebermos a mudança nas ações e pensamentos dos grupos, como também cair em simplificações que não nos permitem entender as variações das personagens na cena histórica.

Martha Abreu e Roberto Romano reconhecem, porém, que o clero, na luta com o poder secular, utilizou-se dos mesmos parâmetros empregados pelos liberais para pensar a sociedade, dando-lhes, porém, outras definições. Desse modo, a expressão “conservadorismo ultramontano” teria de ser relativizada, ou pelo menos contextualizada, visto que não haveria propriamente um antagonismo entre os princípios liberais e aqueles defendidos por tal facção da Igreja. Há, contudo, uma diferença importante nas concepções de ambos: para Martha Abreu, os ultramontanos estavam lutando, por um lado, pela criação de uma nacionalidade brasileira católica e, por outro, pela construção de uma concepção de progresso, civilização e ordem, coerentes com os princípios do Catolicismo Romano; Roberto Romano, por conseguinte, argumenta que se tratava de um artifício retórico, pois os padres estavam empenhados em afirmar a unidade visível da Igreja e sua soberania, valorizadas acima do Estado.

A partir do exposto, podemos dizer que na Amazônia a ação dos padres considerados ultramontanos fez-se presente muito mais até que em outras regiões consideradas economicamente prósperas na época imperial. Apesar disso, os trabalhos sobre a Questão Religiosa, em sua maioria, foram concentrados para as regiões do centro sul brasileiro. É necessário pensarmos numa descentralização dessa análise, uma vez que, como afirmamos, a Amazônia foi um dos lugares de maior difusão desse movimento, merecendo uma atenção especial. Desse modo, a ampliação cronológica no estudo do governo eclesiástico de D. Macedo Costa, como sua relação com a política local nos permitem descobrir outras matizes do movimento chamado de ultramontano.

A Província do Grão-Pará, na segunda metade do século XIX, passou por várias transformações nos seus limites geográficos e na sua

administração, assim como no panorama das suas cidades¹⁷. Segundo alguns autores, durante a primeira metade do oitocentos, era reduzido o número de habitantes dessa província, mas a partir daí, houve um crescimento do fluxo de imigrantes nordestinos, que chegavam para trabalhar na exploração da borracha¹⁸. Nesse ambiente, D. Macedo Costa foi inserindo-se na vida Amazônica, tentando criar um modelo católico, que não correspondia aos anseios de alguns grupos políticos e intelectuais da região¹⁹.

Após ter sido nomeado para a Diocese do Grão-Pará, D. Macedo Costa tomou para si a organização do Palácio Episcopal²⁰, que estava localizado no antigo Colégio de Santo Alexandre, na região central da cidade de Belém²¹. Esse Bispado foi separado do Maranhão em 1719, pela bula *Copiosus in Misericordia* do Papa Clemente IX, estabelecendo-se, assim, uma diocese na região, o que caracterizava uma relativa autonomia. Desde então, a expansão católica efetivada a partir da criação do Bispado foi crucial para a proliferação de muitas igrejas nas margens do

¹⁷ Há uma extensa bibliografia que trata das transformações ocorridas na administração, na economia e na sociedade amazônica ao longo do século XIX. Para uma descrição minuciosa, ver: CRUZ, Ernesto. **História do Pará**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973, 2 vols., e CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973, 2 vols.

¹⁸ Barros Ferreira atribuiu o crescimento paulatino das cidades como Manaus e Belém ao aumento das exportações de borracha, que no final do século XIX, provocou um incremento técnico e cultural das cidades amazônicas. “A borracha passou a correr em torrentes, de ouro, rio abaixo, rumo à moderna Manaus, que se expandia sobre pântanos, e à velha Belém, que crescia, de ano para ano, rejuvenescendo. Porque era uma cidade antiga, cheia de templos e ruas estreitas.” Cf. FERREIRA, Barros. **Verdades e Mistérios da Amazônia**. São Paulo: Clube do Livro, 1967, p. 50-51.

¹⁹ Outros Bispos antes de D. Macedo Costa procuraram reorganizar a vida eclesial e religiosa da região amazônica, no entanto suas investidas não tiveram o mesmo alcance das empreendidas por esse Bispo.

²⁰ LUSTOSA, 1992, p. 11-12 *passim*.

²¹ O Colégio de Santo Alexandre foi fundado pelos Jesuítas no século XVII. Um século depois, tornou-se o Seminário da Diocese, passando a abrigar a Igreja e o Palácio Episcopal de Belém. Cf. LUSTOSA, 1992, p. 114. A história da Igreja de Santo Alexandre acompanha a trajetória e os impasses entre os Jesuítas e as autoridades em relação ao projeto missionário na Amazônia. D. Macedo Costa buscava na memória missionária amazônica, principalmente a jesuítica, os fundamentos para o trabalho que tentava empreender. Segundo Leandro Tocantins, a Igreja de Santo Alexandre possuía, à época dos jesuítas, um papel fundamental no processo de divulgação desse projeto. “A história da Igreja revela o esforço dos inicianos em levar à Amazônia o seu trabalho missionário.” Cf. TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria do Belém do Grão-Pará**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1963, p. 162.

rio Amazonas e de seus afluentes, como também para a estruturação eclesialística nesse ambiente²².

Na segunda metade do século XIX, a igreja de Santo Alexandre servia como espaço propício para a divulgação das idéias de D. Macedo Costa e também das atividades do clero paraense. O mesmo fazia suas oratórias, pedindo aos fiéis que defendessem o Catolicismo dos seus inimigos. Ainda nesse período, esse recinto foi restaurado para as missas e para as alocuções dos prelados, que o utilizavam como um dos principais recintos de pregação. Num artigo publicado no jornal *A Estrella do Norte*, D. Macedo Costa ressaltou a importância dessa dupla reforma:

Hoje, graças aos inteligentes reparos, aos trabalhos sabiamente dirigidos pela benemerita Mesa da Santa Casa, a velha Basílica se despojou de sua vestimenta usada, de seus ornamentos desbotados pelo irreparável ultrage dos annos, e eis-a-ahi brilhando nesta hora, com suas molduras habilmente retocadas, com claros graciosos, introduzidos pelo bom gosto da época, tornando-se dest'arte a sombria Igreja dos padres jesuitas um templo alegre, em que a luz entra em ondas inundando as paredes e a abobada, cuja alvura lembra a candida roupa com que se ornava a noiva mystica dos cantores para agradar ao celeste esposo.²³

O trecho acima enfatiza que a nomeação de D. Macedo Costa contribuiu, portanto, para que a igreja de Santo Alexandre saísse do abandono e da poeira acumulada pela ausência dos Jesuítas na região, que haviam sido expulsos desde 1759, em lei promulgada por D. José I, durante o governo de seu secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal. O Prelado desejava atribuir à sua missão um caráter simbólico mais amplo: o de “restaurar” a obra empreendida pelos Jesuítas em tempos passados, evocando sempre a imagem do padre Padre Vieira. Assim, a Romanização teria um duplo sentido: renovar o Catolicismo na Amazônia e, ao mesmo tempo, retomar o trabalho missionário interrompido por um gesto do poder secular.

A trajetória deste Bispo confundiu-se com um momento igualmente peculiar na existência da Igreja, tanto no plano nacional quanto no internacional. O clero europeu, durante o século XIX, enfrentava novos

²² Para Eduardo Hoornaert, a criação do Bispado de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, em 1719, fazia parte de um “projeto amazônico” empreendido pela Metrópole. Cf. HOORNAERT, Eduardo. *A Evangelização do Brasil Durante a Primeira Época Colonial*. In HOORNAERT, Eduardo (org.). **História da Igreja no Brasil**: Ensaio de Interpretação a Partir do Povo. 4 ed., Petrópolis (RJ): Vozes, 1992, p. 98.

²³ A Igreja de Santo Alexandre. **A Estrella do Norte**, Belém, 22 mar. 1863, n. 12, p. 93.

“inimigos”. Nesses tempos, as cruzadas não eram mais contra os mouros, os índios e os cristão novos, mas dirigiam-se contra os que condenavam a soberania de Deus e do Papa no mundo, contra os que não concordavam com a infalibilidade do Sumo Pontífice. A Igreja não lutava somente pelo território espiritual, mas pela dominação das fronteiras nacionais dos Estados Pontifícios da Itália, desde que os liberais avançaram nas províncias em luta pela unificação italiana²⁴. Nesse sentido, a unificação espiritual dependia da conquista do espaço físico com suas populações.

No Brasil, os católicos ultramontanos também tentavam ganhar espaço político e ampliar seu domínio territorial, formulando projetos voltados para a reorganização da sociedade e para a expansão física da Igreja. Seriam estas propostas simples reflexos dos acontecimentos europeus, como afirmam alguns autores²⁵, ou uma reelaboração que levava em conta as especificidades da região amazônica?

Um estudo acerca da trajetória e das idéias de D. Macedo Costa pode nos ajudar a responder esta e outras questões. Nascido no interior da Bahia, com 15 anos já escrevia para *O Noticiador Católico*²⁶. Mais tarde, teve oportunidade de estudar nos Seminários de São Celestino e depois em Saint Sulpice, ambos na França. Concluiu seus estudos em Roma, onde aprendeu Direito Canônico no Liceu Apolinário. Desde que saiu das proximidades da vila de Maragojipe²⁷, em 7 de agosto de 1830, o futuro Bispo do Grão-Pará percorreu um caminho que o levaria do anonimato para um lugar de destaque na memória política e religiosa do Brasil. Em 2 de junho de 1855, formou-se na Catedral de Paris, onde receberia, no ano seguinte, a tonsura eclesiástica²⁸.

²⁴ Os acontecimentos relacionados ao processo de unificação da Itália são variados e complexos, mas podemos dizer que o avanço dos ideais de uma aristocracia do norte, pautada no pensamento do Conde Camillo di Cavour que pretendia capitalizar a produção agrícola, tornando-a mais competitiva, é um dos pontos de partida do avanço liberal na Itália, do conflito com o Papado e da posição antiliberal da Igreja Romana. Cf. BELLAMY, Richard. **Liberalismo e Sociedade Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994, p. 188.

²⁵ Riolando Azzi afirmou que o Liberalismo no Brasil foi amplamente aderido por padres, o que revela uma adaptação desse pensamento no contexto imperial. No entanto, sua observação não se estende para os grupos ultramontanos, pois estes, em sua opinião, reproduziam as idéias de Roma e, por esse motivo, estariam pouco preocupados com os problemas da Nação.

²⁶ VIEIRA, 1980, p. 181.

²⁷ LUSTOSA, 1992, p. 18. Segundo o autor, o pai de D. Macedo Costa fazia versos e prosas e era profundamente religioso, essas características podem ter influenciado a sua formação intelectual primária.

²⁸ *Idem*, p. 22.

Mesmo antes de tornar-se Bispo, a popularidade de D. Macedo Costa alastrava-se entre seus pares e intelectuais da Europa²⁹. A vivência desse Bispo em Bourges, Paris e Roma contribuiu para o seu aprimoramento intelectual. Nos artigos e livros³⁰ do Bispo há discussão dos assuntos religiosos, mas também dos problemas sociais e políticos do Brasil e de várias partes do mundo. Embora as obras do prelado tenham sido publicadas ao longo do século XIX, nos detivemos apenas nos artigos que veiculou no jornal *A Estrella do Norte*³¹.

Pesquisando este jornal³², entramos em contato com variados artigos que nos permitiram analisar o papel que a Igreja desempenhou na Amazônia e até mesmo questionar os parâmetros nos quais foram construídas algumas interpretações sobre essa instituição. A imprensa no Grão-Pará foi muito importante nas lutas que ocorreram entre a emancipação política do país e a eclosão da Cabanagem, contribuindo para a divulgação de idéias e acontecimentos que se davam tanto em Portugal como em outras regiões do Brasil³³.

²⁹ *Idem*, p. 21. Uma das primeiras pessoas a impressionar D. Macedo Costa foi o Pe. Lacordaire. O jovem seminarista relatou, numa carta enviada ao seu pai em 27 de agosto de 1853, o diálogo que estabeleceu com o com o padre referido, e que lhe foi de grande serventia intelectual. Lemos um artigo publicado no *A Estrella do Norte* em 25 de janeiro de 1863 do padre Lacordaire intitulada “História do coração humano.” Através desse artigo, pudemos verificar que os “amigos” que D. Macedo Costa tinha feito, desde que estudou na Europa, continuavam se correspondendo com ele, depois que passou a residir na Província do Grão-Pará nos anos de 1860.

³⁰ Entre as obras conhecidas destacamos: *Direito contra Direito*, 1874, *Deveres da Família*, 1877, e *Amazônia: meio de desenvolver sua civilização*, 1884. Além disso, entre 1871 e 1883, esteve à frente do jornal *A Boa Nova*.

³¹ Os catálogos dos periódicos de Belém informam que o período de circulação do jornal *A Estrella do Norte* circunscribe-se entre 1863 e 1869, no entanto, não conseguimos encontrar os anos posteriores a 1865.

³² Para Riolando Azzi, a imprensa no Brasil teve um importante papel na divulgação das idéias católicas no meio urbano. Não sabemos, contudo, se os periódicos dirigidos por D. Macedo Costa ficaram restritos à Belém ou se atingiam os municípios do interior. Em todo caso, é preciso considerar que a influência dos mesmos não se limitavam aos locais em que eram impressos, uma vez que há notícias sobre o conhecimento do periódico fora da capital. Cf. AZZI, Riolando. **A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal**. História do Pensamento Católico no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 34. Sobre os jornais paraenses, ver **Jornais Paraoaras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985. Nesse catálogo há referência de muitos jornais que circularam no interior da Província do Grão-Pará. É o caso do jornal *O Vigiense* pertencente a Alcides Sarmento, divulgando idéias religiosas na vila de Vigia entre 1874 e 1879.

³³ BARATA, Manoel. *Jornais, Revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908*. In **Formação Histórica do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973, p. 223-291.

A maioria dos jornais criados na Província pertencia aos partidos políticos, que os utilizavam para divulgar suas propostas e projetos; em alguns períodos, inclusive, encontramos mais de um periódico filiado a uma única agremiação política³⁴. A Igreja não estava fora desse processo, pois também publicava jornais e participava do debate político e ideológico. Suas folhas traziam notícias políticas, crônicas sobre festas religiosas, o vai-e-vem dos produtos nos portos, comentários e críticas sobre os serviços públicos, as atividades religiosas na capital, além de reclamações e críticas envolvendo o poder público.

É preciso, portanto, extrair dos textos jornalísticos e mesmo de outras fontes evidências do cotidiano, que muitas vezes, passam despercebidas aos estudiosos que privilegiam os fatos considerados marcos políticos da história regional. Nos jornais, por exemplo, encontramos formas, imagens e signos do real, num processo de apreensão e instituição de representações³⁵. Essa fonte, concebida como recorte e seleção e mesmo criação de fatos, nos permite perceber a variedade de opiniões sobre os mesmos. Essa variedade, noticiada em colunas, possibilita entender o universo do editor, que por sua vez mergulha no seu cotidiano e dele seleciona as notícias e escreve artigos como também os cria. Assim, precisamos estar atentos para essa infinidade de mediações que envolve a produção jornalística como outras também.

Ainda não existem estudos que aprofundem a história dos mais de quinhentos periódicos que, segundo Remijio Bellido, circularam só na capital do Pará³⁶. Alguns trabalhos, porém, mostram que os jornais exerceram influência decisiva sobre as mudanças políticas e os costumes da população. Nesse sentido, eles tinham uma característica tanto de forma-

³⁴ Cf. **Jornais Paraoaras: catálogo**, p. 11-13. Sobre o jornal *O Paraense* ver REMIJIO, Bellido de. *Catálogo dos Jornais Paraenses 1822-1908*. apud BARATA, Mário. Aspectos Históricos do Jornal "A Província do Pará". Belém: **Revista de Cultura do Pará**. Ano 6 n.º 22 e 23, Jan./Jun. 1976. Segundo o que nos permite a catalogação feita por Bellido Remijio, entre 1822 e 1908 circularam em torno de 540 jornais só na cidade de Belém.

³⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p. 95.

³⁶ BELLIDO, Remijio de. **Catálogo dos Jornaes Paraenses 1822-1908**. Belém: Imprensa Oficial, 1908. Os estudos sobre a imprensa no Pará foram feitos por alguns intelectuais que analisavam, ao mesmo tempo, a articulação entre o jornal e os eventos políticos. Podemos referir alguns desses estudos para maiores pesquisas: BARATA, Manuel de Mello Cardoso. Estado do Pará: jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908, vol I. COELHO, Geraldo M. Felipe Patroni e a criação da Imprensa no Grão-Pará. **A Província do Pará**. Belém, 3 e 4 de março de 1985.

ção como de informação. Isso parece claro se pensarmos que a imprensa no Grão-Pará esteve diretamente ligada às concepções políticas desde o período do processo de independência do Brasil³⁷. Na Segunda metade do século XIX, o caráter político dos periódicos ficou mais evidente à medida que Partidos Políticos e outras instituições fundavam jornais e, através deles, divulgavam suas idéias.

Os jornais dirigidos por D. Macedo Costa discutiam projetos políticos e plataformas eleitorais, defendiam a catequese dos índios e a instrução pública, relatavam suas viagens e visitas pastorais, divulgavam textos de autores conhecidos do âmbito religioso e laico europeu. O jornal *A Estrella do Norte*, por exemplo, não poderia ser enquadrado no que Oscar Lustosa classificou de “estágio inferior da imprensa no Brasil”³⁸. Mesmo sem apresentar seções bem definidas, como as que passariam a existir nos jornais noticiosos da década de 1870, a folha católica era dotada de uma organização adequada aos interesses da propaganda eclesiástica, sendo semelhante, na sua estrutura, aos demais periódicos que circulavam no período em que era publicada. Sua organização interna possuía, assim, uma lógica própria, eivada de “significados”³⁹.

Dirigindo o jornal *A Estrella do Norte*, D. Macedo Costa procurou formar opiniões a favor dos projetos católicos para a sociedade amazônica. Em decorrência disso, o Bispo colecionava uma série de inimigos, que não concordavam com tais propostas. Se fizermos uma leitura por dentro dos projetos da Igreja, percebemos que esta, a despeito do que diziam os liberais, acreditava-se como condutora do desenvolvimento social brasileiro e, portanto, como portadora de uma proposta de modernização.

A existência do jornal *A Estrella do Norte* foi relativamente curta, o que era comum na época. Apesar disso, conseguiu semear as idéias de D. Macedo Costa, que seriam retomadas mais tarde, com a criação do periódico *A Boa Nova*, em 1871. Os exemplares do jornal *A Estrella do Norte* possuíam, em média, oito páginas, divididas em seções ou temas de caráter doutrinário, noticioso e literário. Neles, encontramos ao lado de parábolas evangélicas, assuntos diversos referentes à Igreja, particular-

³⁷ COELHO, 1985, p. 14.

³⁸ ABREU, 1999, p. 312.

³⁹ SCHWARCZ, 1987, p. 95. O jornal *A Estrella do Norte*, da mesma forma, apresentava uma diversidade de notícias e artigos aparentemente aleatórios, mas que, na verdade, possuía uma organização adequada aos propósitos do ensino católico e dos debates políticos que divulgava. Isto porque os temas eram tratados reiteradas vezes, com uma linguagem simples, direta e pedagógica.

mente os problemas que ela enfrentava nos outros países. Nesse particular, eram publicados artigos a respeito dos conflitos entre Pio IX e seus adversários, principalmente na França e Itália.

Os artigos do jornal *A Estrella do Norte* referiam-se a temas como família, casamento, ciência, modernidade, industrialização, ensino civil e religioso, catequese indígena, questões políticas locais, nacional e internacional. Além desses assuntos, podemos verificar que havia debates teóricos, fundamentando o papel que a Igreja deveria exercer no Brasil e no mundo. Tudo isso ao lado de textos doutrinários, ou seja, que tratavam de assuntos ligados aos princípios fundamentais da doutrina católica como os mandamentos, o celibato⁴⁰, os evangelhos, os sacramentos etc.

Através desses textos, percebemos a amplitude das ações episcopais de D. Macedo Costa na região Amazônica, desde aquelas mais elementares e, aparentemente, irrelevantes até as que foram privilegiadas pelos estudiosos preocupados com os grandes temas e os grandes eventos. Tais publicações nos permitem perceber que a Igreja no Grão-Pará, assim como os partidos políticos, estava atenta aos acontecimentos internacionais e àqueles que diziam respeito à Amazônia e ao país⁴¹.

A exploração econômica na Amazônia, mais especificamente a coleta das drogas do sertão⁴² e a exportação da borracha, de certa maneira, dinamizou as relações entre essa região e alguns países da Europa e da América. O crescimento constante das exportações trouxe também novas necessidades como, por exemplo, a estruturação dos portos para receber os vapores que chegavam em busca de produtos e trazendo as novidades das principais capitais do mundo. Algumas estatísticas da movimentação comercial da alfândega foram registradas pelos contemporâneos, entre eles os liberais José Coelho da Gama Abreu e Aureliano Cândido de Ta-

⁴⁰ Segundo Jacques Dalarun, desde o século XI alguns Papas e outras autoridades conhecidas como os reformadores têm procurado modelar os comportamentos sociais, principalmente dos agentes da Igreja. Entre as reformas pretendidas estava a busca por mais autonomia para gerenciar seus bens e ultrapassar o embargo de aristocratas laicos, ao mesmo tempo, debatiam sobre os problemas mais correntes como o concubinato e a incontinência entre os padres. Cf. DALARUN, Jacques. **Amor e Celibato na Igreja Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 17.

⁴¹ Alguns artigos publicados no jornal *A Estrella do Norte* eram transcrições de outros periódicos internacionais, principalmente de Portugal, França e Itália.

⁴² De acordo com Arthur Cezar Ferreira Reis a economia da Amazônia “fundava-se, principalmente, na indústria extrativa, constante de cacau, salsaparrilha, castanha, plantas medicinais, cravo, salsa, a que se juntou no início do século XIX, a borracha da seringueira.” Cf. REIS, FERREIRA, Arthur Cezar. **Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966, p. 122.

vares Bastos⁴³, cuja intenção era argumentar a importância do comércio para o desenvolvimento local.

De acordo com Barbara Weinstein, que publicou um dos estudos mais bem documentados sobre a exploração da borracha, as exportações da goma elástica só alcançaram um crescimento efetivo a partir de 1870, embora a atividade comercial já fosse importante desde a década de 1850⁴⁴. Embora temporária, a prosperidade econômica provocou algumas transformações importantes como o aumento do fluxo de imigrantes e o conseqüente surgimento de novas classes sociais, a urbanização, a ampliação do número de estabelecimentos bancários, casas importadoras e aviadoras, o incremento do sistema de navegação etc. Assim, a inserção da Amazônia na expansão capitalista européia vinha ocorrendo de forma paulatina. No entanto, para a autora essa inserção é marginal, pois o capitalismo não promoveu o desenvolvimento efetivo da Amazônia, tornando-a cada vez mais dependente das oscilações do mercado internacional.

Naquele período, o jornal *A Estrela do Norte* voltou a atenção para a maneira como os índios e os seringueiros serviam ao capitalismo internacional. Por outro lado, o jornal temia que junto com a entrada de produtos viessem imigrantes que professavam outras religiões e com elas trouxessem valores e comportamentos distintos do modelo católico. É o caso de um artigo que revela a preocupação da Diocese do Grão-Pará com os programas de imigração norte-americana para o Brasil. Tais pro-

⁴³ MARAJÓ, José Coelho da Gama Abreu, Barão de. **As regiões amazônicas: estudos chorográficos dos Estados do Grão Pará e Amazonas**. 2 ed. Belém: SECULT, 1992. (Coleção Lendo o Pará), p. 373-374. e BASTOS, Tavares. **O Vale do Amazonas**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, p. 120-121. Segundo José Coelho da Gama Abreu, a média do rendimento da Companhia do Amazonas feito pela inspetoria da Alfândega do Pará de 1852 a 1890 foi de 9.121:815\$092 réis. Em 1852 o rendimento era de 841:565\$516 e em 1890 de 9.433:086\$692. Segundo esses dados, o rendimento de 1890 era onze vezes maior do que o de 1852, o que para o Barão de Marajó representava crescimento substancial. As estatísticas de Tavares Bastos também revelaram crescimento alfandegário. Segundo ele, entre 1836 e 1840 a renda da alfândega do Pará era de 228:603\$000, e ente 1860 e 1864 a renda passou a ser de 1.960:121\$000. Os problemas de crédito enfrentados pelas companhias de navegação com os bancos brasileiros teriam sido superados com investimentos americanos na Amazônia. Assim, os dados apresentados por ambos os autores mostraram que o comércio e a navegação no Grão-Pará estavam sendo intensificados. Mas, tanto o Barão do Marajó quanto Tavares Bastos insistiram na necessidade de serem feitos investimentos locais para o crescimento da região. Daí a preocupação de ambos em mostrar uma grande e detalhada quantidade de dados que justificassem o crescimento das exportações e a importância de se investir mais na Amazônia.

⁴⁴ WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 104-105.

gramas, segundo o articulista, poderia provocar o esfacelamento da família, uma vez que muitos desses imigrantes eram mórmons e, portanto, praticavam a poligamia:

Os Mormões são uma seita de protestantes muito espalhada actualmente nos Estados Unidos. Eles admitem, entre outros pontos, a polygamia ou o poder de casar com muitas mulheres ao mesmo tempo, e sustentam que essa é a verdadeira doutrina do Evangelho. São protestantes, estão em seu direito. Um missionário Mormon, pois o Sr. Bertrand, acaba de publicar em Paris um livro sobre sua seita, no qual, sem a menor hesitação, publica a vergonhosa estatística seguinte. Segundo o ultimo recenseamento de 1858 o numero dos maridos polygamos se eleva a 3.617, distribuidos assim: maridos de 7 e mais mulheres 387, maridos de 5 mulheres 730, maridos de 4 mulheres 1, 100, maridos de 1 e de menos de quatro mulheres 1,400, somma 3, 617. Ah! quando teremos um Ministro de Estado que nos faça vir para o Brazil estes bons Mormões?⁴⁵

Apesar de alguns autores enfatizarem o caráter artificial da expansão da economia gomífera⁴⁶, é inegável que esta trouxe maior volume de capitais, pessoas e mercadorias para Belém e Manaus. Além do interesse comercial, a Amazônia despertava também a atenção de expedições científicas, atraídas por sua flora e fauna exuberantes. Na segunda metade do século XIX, viajantes de vários países, cronistas, religiosos e retirantes nordestinos percorreram seus rios, florestas e cidades, muitos dos quais estabeleceram-se nela definitivamente com o objetivo de conhecê-la, evangelizar seus habitantes e explorá-la⁴⁷. De certo modo, a Amazônia tornava-se menos alheia ao que acontecia no mundo.

Em 1863, por exemplo, o jornal *A Estrella do Norte* estampou em suas páginas vários artigos a respeito dos conflitos do clero no velho

⁴⁵ CHRONICA Religiosa. *A Estrella do Norte*, Belém, 25 jan. 1863., n. 4, p. 32.

⁴⁶ BASTIDE, Roger. **Brasil: terra de contraste**. 3 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, s/d, p. 49.

⁴⁷ Muitos viajantes partiram para a Amazônia a fim de pesquisar a natureza e cultura dos povos que a habitavam. Podemos citar alguns livros que foram publicados a partir das experiências das viagens citadas: o botânico Alfred R. Wallace, que publicou *Viagens pelos Rio Amazonas e Rio Negro* série 5^a. de 1906; os missionários protestantes Daniel P. Kidder & J. C. Flecher, autores de *O Brasil e os Brasileiros* (1941); o botânico Luiz Agassiz, que publicou *Viagem ao Brasil* (1938); o protestante Robert Avé-Lalleman, autor de *Rio Amazonas*, e o cientista Henry Walter Bates, autor de *Um Naturalista no Rio Amazonas* (1978), entre outros. Esses viajantes são exemplos do estreitamentos das relações entre a Europa e o Brasil em várias áreas. Nesse sentido, os intelectuais brasileiros e as autoridades interessavam-se pelos novos conhecimentos que surgiam fora do Brasil.

mundo, alguns deles assinados por La Mennais. Nesses textos, havia críticas à sociedade moderna dos liberais, que estava sendo constituída em alguns países. Na visão de Roberto Romano⁴⁸, La Mennais era um propagandista católico que procurava restaurar a autoridade da Igreja, divulgando idéias de apelo ao povo e à tradição. Como afirmamos, as idéias de La Mennais, assim como as de outros propagandistas, chegavam ao Grão-Pará por meio do jornal da Diocese. Nesses artigos havia uma outra idéia de modernidade e civilização na Amazônia, os textos católicos chamavam a atenção para o perigo de uma determinada modernização capitalista, que mal empreendida, poderia levar os homens à ruína tanto material quanto espiritual.

Em 1 de fevereiro de 1863, um destes artigos acusava os “revolucionários” de “armarem as paixões” dos homens contra a Igreja Católica, desrespeitando os governos e as leis⁴⁹. Segundo La Mennais, os “revolucionários temiam pouco as leis: se eram fracas, zombavam delas; se eram fortes, apontavam-nas; não temiam nem mesmo os exércitos, porque havia meios de os conduzir.” Além disso, atacavam a justiça e a moral, pois não tinham noção sobre esses dois valores fora das leis humanas; os crimes resolviam-se para eles num tribunal e a posse era o único valor que conheciam⁵⁰.

Para La Mennais, os verdadeiros católicos, ao contrário dos “revolucionários”, deveriam trabalhar para manter a ordem social, pois condenavam os crimes e eram favoráveis ao respeito aos direitos de todos. Assim, toda ordem estabelecida pela autoridade e fundada na verdade era observada pela Igreja Católica, que teria nascido exatamente para obedecer e respeitar regras⁵¹. Acrescenta o propagandista que a liberdade proclamada pelos “revolucionários” era ilusória, pois constituía-se em total ausência de hierarquia. Nesse sentido, a única liberdade verdadeira, para ele, estava no domínio de uma suprema sabedoria, que ao ensinar o caminho certo ao homem, libertaria-o das paixões. As idéias “revolucionárias”

⁴⁸ ROMANO, Roberto, 1979, p. 85.

⁴⁹ F. La Mennais escreveu por volta de 1830 na França, suas idéias associavam Deus e liberdade, assim como os princípios da moral, regendo as experiências humanas. Cf. SABORIT, Ignasi Terradas. **Religiosidade na Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989, p. 81. Roberto Romano, ao analisar o pensamento católico, mostrou a expressão de propagandistas, tais como: La Mennais, Donoso Cortés, De Maistre e Bonald, que de forma otimista ou pessimista buscavam criticar a sociedade capitalista e o modo como as *massas* eram tratadas nesse tipo de sociedade. Cf. ROMANO, Roberto, 1979, p. 85-86.

⁵⁰ LA MENNAIS. Causas do Ódio. **A Estrella do Norte**, Belém, 01 fev. 1863, n. 5, p. 33.

⁵¹ *Ibidem*.

não deviam, portanto, alastrar-se sobre uma nação, caso contrário os homens caminhariam para um abismo:

A terra ficou infeccionada pelos seus habitantes, porque transgrediram as leis, mudaram o direito, romperam a aliança sempiterna. Por esta causa a maldição devorará a terra. Os povos se agitarão com grande fogo; as nações hão de trabalhar em vão, e cair em desfalecimento.⁵²

Desse modo, para conter a anarquia social provocada por qualquer tirania temporal seria necessário reorganizar a sociedade para que os menos favorecidos tivessem condições de sobrevivência. Nesse sentido, La Mennais considerava a importância da intervenção dos sacerdotes a fim de retirar os homens da miséria. A Igreja, através do sacerdote, deveria organizar e controlar a produção e a distribuição dos bens produzidos. Todavia, não se tratava de acabar com as relações de produção como estavam reguladas, ou seja, os ricos com os meios de produção e os pobres com a força de trabalho, mas de promover uma distribuição justa dos bens materiais produzidos, sem prejuízo das partes, pois essa distribuição estaria pautada no princípio moral do bem comum.

A questão dos pobres, que não é apenas uma questão de economia política mas uma questão de vida ou morte para a sociedade, uma vez que é uma questão de vida ou de morte para a maioria do gênero humano, é mais do que nunca uma das questões que na Europa clamam por uma rápida solução. (...) Daí decorre que, sem uma mudança total no sistema industrial, uma sublevação geral dos pobres contra os ricos seria inevitável e que, transformada por completo, toda a sociedade pereceria entre convulsões espantosas. Quero assinalar aqui a profícua carreira que em breve se abrirá ao sacerdócio, chamado a servir, com meios novos, a parcela sofredora da humanidade; uma vez que, seja desenvolvendo um sistema de colônias agrícolas - já experimentado com êxito, - como aplicando na indústria o princípio da associação, para benefício do pobre, seja concatenando os trabalhos industriais com os de cultivo, numa feliz combinação, a intervenção do sacerdote será igualmente necessária, não apenas para dotar essas associações do caráter moral do qual dependem sua utilidade política e sua prosperidade material, como também para que um terceiro desinteressado sirva de laço entre as duas partes que

⁵² *Ibidem.*

deverão contratar, entre o rico que proporciona a terra e o dinheiro e o pobre que só pode oferecer seu trabalho ao fundo comum.⁵³

As idéias de La Mennais eram apropriadas por D. Macedo Costa, uma vez que defendia a hierarquia do Sumo Pontífice, como também o combate as propagandas divulgadas pelos liberais. O fato de o periódico *A Estrella do Norte* divulgar algumas idéias de La Mennais nos permite dizer que D. Macedo Costa nutria simpatias por suas teorias acerca do papel que a Igreja exerceria no mundo. A incidência de artigos que propõem reflexões sobre questões políticas, sociais e morais, como os de La Mennais, não era circunstancial. O jornal procurava com isso construir uma base filosófica que justificasse as reformas que os ultramontanos queriam imprimir na sociedade amazônica.

Além disso, a utilização da imagem do povo miserável e ludibriado pelas idéias dos “revolucionários” é constante nos textos do jornal *A Estrella do Norte*. A maioria dos autores que analisaram o pensamento ultramontano concluiu que o mesmo sempre esteve alheio aos anseios populares, constituindo-se numa política elitista, preocupada tão somente com a afirmação da autoridade da Igreja Católica perante o poder secular. Para Riolando Azzi, por exemplo, apenas o clero liberal estava envolvido com as questões sociais daquele período⁵⁴. Roberto Romano, por outro lado, acredita que o interesse dos ultramontanos às questões sociais constituía-se numa “política populista”, elaborada com a finalidade de conquistar o apoio das camadas populares para a luta que os mesmos empreendiam contra os liberais e outros grupos⁵⁵.

No artigo intitulado *Em Roma e o Piemonte*, o jornal da Diocese do Grão-Pará tratou dos acontecimentos que se davam na Itália, onde alguns grupos enfrentavam a autoridade do Papa. O articulista fazia crer que noticiar os acontecimentos internacionais era importante para a sociedade brasileira, pois este era um país católico e precisava inteirar-se dos assuntos de sua Igreja. Entretanto, é preciso considerar as analogias possíveis entre a situação colocada para a Itália e para o Brasil naquele momento. Na Itália, Pio IX, além de enfrentar as críticas dos liberais, também combatia, em nome do Catolicismo, os governos que considerava usurpadores e perigosos à sobrevivência do mesmo. Enquanto isso, os ultramontanos brasileiros repeliam a interferência do poder secular no

⁵³ LA MENNAIS, F. R. Questions Politiques et Philosophiques *apud* SABORIT, 1989, p. 83-84.

⁵⁴ Ver, por exemplo, AZZI, 1991, p. 104-105.

⁵⁵ ROMANO, 1979, p. 85.

âmbito religioso, como também afastar as idéias maçônicas da sociedade brasileira. Defender a hierarquia e a liberdade para D. Macedo Costa, era manter uma certa autonomia em relação ao Estado, mantendo a liderança católica afetada pela presença maçônica nessa instituição.

No jornal *A Estrella do Norte*, o articulista era a favor da liberdade, dizendo-se liberal, pois apoiava os princípios que deveriam sustentar os Governos Monárquicos e a igualdade para todos. Assim, o Liberalismo, que não defendia a ordem pautada na autoridade monárquico-democrática e na eclesiástica, era inaceitável. Ser liberal era ser católico e aceitar as estruturas vigentes e a autoridade dos padres, se essas correspondessem aos anseios coletivos e benéficos:

Estamos sinceramente convictos de que a liberdade política é uma condição essencial e indispensável das sociedades modernas; mas urge que nem a força do Governo se torne em tyrannia, nem a liberdade do povo se torne em anarchia. Somos liberaes ao ponto de commungar os principios democraticos que sustentam a monarchia; mas repugna-nos o liberalismo que pretende abalar o principio da autoridade civil e politica, e o da autoridade religiosa e ecclesiastica.⁵⁶

Pelo que percebemos, havia mais de um entendimento sobre o que era ser liberal naquele momento. Para alguns, a coexistência entre liberalismo e catolicismo não era problema, tendo o regime monarquista como alicerces da sociedade. Nessa compreensão, a palavra liberdade significava a defesa do princípio da autoridade e o da legalidade, os quais constituíam a base de tudo o que existia na sociedade. Por outro lado, aqueles que não se enquadrassem nessa concepção eram considerados bárbaros:

O homem em si, na família e no estado, tem relações que devem actuar em harmonia com o direito e o dever. Queremos o homem livre em si, mas não prejudicando a liberdade do seu semelhante. Queremos o homem livre na família, mas em harmonia com as relações de chefe ou subdito dessa família. Queremos o homem livre no estado, mas de conformidade com o direito e com a lei. Pretender a liberdade exclusiva, é pretender a liberdade do selvagem ou do bruto.⁵⁷

Para alguns ultramontanos, a modernidade havia trazido também muitos demônios e estes não tardariam em fazer nascer a discórdia entre

⁵⁶ ROMA e o Piemonte. *A Estrella do Norte*, Belém, 15 mar. 1863, n. 11, p. 81.

⁵⁷ *Ibidem*.

os governos, os povos e a Igreja. Diante disso, a educação era evocada como o único caminho capaz de transformar os corações bárbaros em cordiais. A educação traria também a liberdade, em sua acepção mais ampla:

Um dos maiores males que o homem pensador tem de lamentar entre nós, é a falta de uma legítima educação religiosa e política, e por consequência a falta da devida apreciação dos factos. A nossa educação religiosa devia ser mais pratica e a nossa educação politica mais theorica. Devia ser mais pratica a nossa educação religiosa, começando o seu primeiro noviciado na moral pratica da familia, e depois seguir a educação doutrinal do ministerio religioso, não só em relação ao dogma, como em relação á sociedade.⁵⁸

O jornal da Diocese transcrevia também artigos que tratavam da situação dos trabalhadores em algumas regiões da Europa, nos quais percebemos a mesma crítica ao mundo moderno. Ressaltava-se neles o fato de os operários não poderem viver dignamente e sustentar sua família. Ao mesmo tempo, publicava notícias sobre as visitas feitas por Pio IX às habitações populares de Roma, provavelmente para mostrar que os trabalhadores das regiões administradas pela Igreja viviam em melhor situação e que os católicos preocupavam-se com a condição dos pobres da Europa.

Em outro artigo, intitulado *Dedicação heroica de um menino de oito anos*⁵⁹, foi relatada a história de uma família, cujo pai operário vivia na absoluta miséria e seu filho de oito anos abdicou de comer, mentindo estar doente, para saciar a fome dos demais irmãos. O pai, temeroso, mandou chamar o médico, que descobriu a farsa e questionou a atitude do menino. Tratava-se, segundo este, da única maneira de não sofrer com a miséria da sua família. Depois, o padre também foi chamado e os dois – o médico e o padre – ajudaram a família com doações. Podemos entender essa pequena história, dentre outras publicadas pelo jornal, como uma crítica dos ultramontanos à sociedade em que viviam, onde a miséria era a tônica do discurso. Para o prelado, a solução estava na solidariedade entre as pessoas, baseada não no modelo exploratório do homem pelo homem, mas no associativo.

A ênfase aos temas da miséria humana era, na verdade, uma crítica ao século que valorizava o progresso material em detrimento dos valo-

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ DEDICAÇÃO Heroica de um menino de oito annos. **A Estrella do Norte**, Belém, 06. jan. 1863, n. 1, p. 5-6.

res espirituais. A publicação desses assuntos no jornal da Diocese nos permite afirmar que, para o Bispo, as sociedades que não valorizavam a religião estavam fadadas à miséria e, por conseguinte, ao desaparecimento. Assim, não por acaso, as personagens das histórias relatadas nos artigos e nas notícias são operários, mulheres pobres, crianças exploradas e camponeses desesperados, que apenas conseguem sobreviver porque podem contar com a ajuda do Papa ou de um padre bem intencionado.

Para D. Macedo Costa, a *irreligião* havia se instalado entre as pessoas, promovendo assim a proliferação da miséria e exploração. Se em Roma o Papa lutava contra a proliferação da exploração que ele atribuía aos liberais, na Amazônia D. Macedo Costa combatia a exploração do índio e do seringueiro contratados para a coleta da borracha. A luz da Igreja Católica seria, então, o único meio de progresso para essas populações e para as sociedades como um todo que deveria trazer a felicidade entre os homens ainda neste mundo. No primeiro número publicado pelo jornal *A Estrella do Norte* no ano de 1864, o redator agradeceu o apoio dos vigários, dos pais de família e de todos que auxiliaram o Bispo a divulgar o Catolicismo na Amazônia e a extinção dos vícios e da miséria humana:

Propagar as idéias religiosas no meio de um povo é pois cooperar da maneira a mais eficaz para a sua moralização e engrandecimento: é abrir-lhe um futuro iluminado, grandioso no ponto de vista mesmo da civilização humana; é faze-lo caminhar pela senda do verdadeiro progresso; é leval-o sem meios violentos, sem abalos sinistros, á realização dos planos que teve a Providencia na instituição das sociedades humanas, o qual não é outro senão a regeneração moral do homem, e sua felicidade pela virtude.⁶⁰

Parece-nos evidente, portanto, que o jornal assumia uma posição religiosa e também política. Os ultramontanos do Grão-Pará pretendiam construir uma sociedade pautada nos princípios católicos e nas relações de ajuda recíproca. Os artigos transcritos levavam aos leitores os valores da liberdade, da fraternidade e da igualdade como princípios que se fundamentavam no direito divino, na moral sacrossanta. Com essa estratégia, o jornal procurava desqualificar os liberais que se apresentavam como os principais arautos do progresso, da civilização e da modernidade. Ao redefinirem estes conceitos, D. Macedo Costa e os colaboradores do seu jornal podiam apresentar-se como sendo os verdadeiros liberais.

⁶⁰ PROSPECTO. *A Estrella do Norte*, Belém, 03 jan. 1864, n. 1, p. 1.

Nesse sentido, os católicos reformadores defendiam uma maior aproximação entre o clero e o papado a fim de realizar mudanças na instituição e afirmar sua autoridade, constantemente ameaçada pelas intervenções do poder temporal e pelos grupos que viam a espiritualidade como algo secundário no mundo moderno. Vários textos publicados na folha da Diocese expressavam esta preocupação, tomando como parâmetro as reformas empreendidas pela Igreja na Itália. Roma tornava-se, assim, para os católicos ultramontanos, o modelo ideal de civilização:

Para Roma! É esta a voz que se repercute nos ouvidos de todos os catholicos. Para Roma! É esta a força que arrasta o século. Para Roma! É esta a tendência da geração presente. Para Roma! É este o movimento da verdadeira civilização.⁶¹

Se para os liberais da Província do Grão-Pará, sobretudo os integrantes da elite local ligada à política e ao comércio, os modelos de civilização eram aqueles formulados na França e na Inglaterra, para os católicos ultramontanos o modelo era aquele que vinha de Roma ou, mais especificamente, da Santa Sé. A proposta de valorização do modelo romano deslocava o sentido civilizador das reformas a serem empreendidas na Amazônia. Segundo os divulgadores dessa idéia, sem esse modelo, a sociedade local cairia nas falsas atitudes de liberdade pregadas por grupos liberais:

Perguntai-lhes em vão o que pensam, pois deveris antes perguntar-lhes o que desejam. O pensamento vai atrás da libertinagem do coração; e dahi a libertinagem do espirito, a libertinagem da inteligência. Que doutrina seguem? Esses espíritos livres não seguem; vão sempre adiante. Caminho já trilhado não para extravagante liberdade dos libertadeiros. (...) Elias e Eliseu faziam ressurgir um morto deitando-se sobre elle; elles, nossos Elias almiscarados, abraçando-se ao cadaver de uma geração corrupta, de um seculo descrente qual é o século das revoluções sociais na Europa, querem ainda ressuscitar esse perfido filho da viuva corrupta, corroído pela lepra dos acouces, asphyxiado nos pagodes da devassidão e da crapula.⁶²

No trecho acima, percebemos que o autor reduziu os ideais revolucionários dos “espíritos livres” em ideais libertinos, os quais poderiam

⁶¹ PARA Roma! e o inferno não vencerá a minha Igreja. **A Estrela do Norte**, Belém, 01 fev. 1863, n. 5, p. 36.

⁶² *Idem*, p. 36-38.

se alastrar pela sociedade, produzindo a corrupção e a devassidão. Isso significava para eles o verdadeiro inferno na humanidade, o caos social.

Embora uma parte do clero procurasse a aproximação com Roma, outra parte não aceitava algumas determinações do Papado. Tal situação provocava uma divisão entre os membros da Igreja, o que era explorado pela imprensa liberal. Em meio as resoluções do Papa que levaram a insatisfações desses padres estava a busca no poder secular do apoio para lutar contra as ondas revolucionárias que ameaçavam alguns territórios católicos da Itália. Segundo o jornal da Diocese, porém, os “revolucionários” aproveitavam-se dessas oportunidades para tentar aumentar as discórdias entre os católicos. Em uma oportunidade, teriam falsificado ou forjado assinaturas de clérigos, exagerando o número de inconformados frente ao governo de Pio IX:

O infeliz Padre Passaglia, que se tornou um inimigo acerrimo do Papa, acaba de declarar elle mesmo o valor do celebre endereço que publicou contra o poder temporal, com um grande numero de assignaturas de Padres Italianos.

De entre estes Padres ha 374 suspensos de ordens, 974 que não existem, e 839 nomes falsificados. E a imprensa revolucionária ousou oppor esse tristissimo documento ao endereço que dirigiam ao Summo Pontífice os 250 Bispos que se acharam em Roma na da Canonisação! É o caso de dizer com o Santo Padre: Peçamos a Deos nos mande, como a Tobias, um Anjo que mostre um fel de peixe bom para curar a deploravel cegueira dos inimigos da Igreja.⁶³

Além das investidas contra os liberais, os ultramontanos também se colocavam contra as ingerências do Estado nos assuntos da Igreja. Os artigos enfatizavam a conquista da liberdade clerical para que os padres, livres dos mandos temporais, pudessem trabalhar naquilo que fosse de maior interesse para a Igreja. Entretanto, seria necessário que os sacerdotes conhecessem seus ofícios profundamente, assim como controlassem a educação nos seminários, conventos, asilos etc. Segundo D. Macedo Costa, as políticas de reforma nos seminários deveriam corrigir ou pelo menos minimizar a precária formação intelectual dos prelados.

Em 15 de fevereiro de 1863, o jornal *A Estrella do Norte* publicou uma anedota, cujo tema central era a interferência do poder civil nos assuntos da Igreja. De acordo com o articulista, em 1846, algumas autoridades foram atraídas para o reino da França em virtude do aniversário do

⁶³ *Idem*, p. 40.

Rei Luís Felipe. Na ocasião, o Arcebispo de Paris fez um discurso, no qual reclamava maior liberdade para a Igreja em relação ao Estado. Irritado com o pronunciamento, o Rei teria proibido a publicação do discurso, juntamente com outros escritos do Clérigo. No ano seguinte, o Arcebispo compareceu novamente ao aniversário do Rei, mas prometeu à Rainha que não faria discurso; esta, procurando fazer uma reconciliação, arranhou um encontro entre os dois:

[Arcebispo] - Pois bem! O Rei ha de saber o assumpto de minha visita; como não quero expor-me ainda á affronta que me foi feita na ultima apresentação, tenciono vir á frente de meu clero offerecer meus votos pela saude do Rei, porém não farei discurso.

[Rei] - Ah! estou vendo, é um novo ataque que dirigis contra mim; eu julgava que estavam acabadas nossas discussões, e parece que quereis recommençar.

Se eu proibi que o vosso discurso fosse publicado, foi porque nelle deveis conselho que não convém.

[Arcebispo] - [...] pedir a liberdade e não a proteção, é talvez o pedido mais moderado que possa fazer a Igreja.

[Rei] - E eu não o entendo assim... Com vossos pedidos e vossos jornaes ides amotinando e perturbando tudo...⁶⁴

Continuando a discussão, o Rei interpelou o Arcebispo acerca de um Concílio que este teria presidido. O Prelado respondeu-lhe que não se tratava disso, mas de uma reunião para discutir pontos de disciplina eclesiástica. Entretanto, Luís Felipe insistiu em dizer que se tratava realmente de um Concílio e que o mesmo não poderia realizar-se sem a sua autorização. Diante da negativa do seu interlocutor, o Rei revelou ainda que sabia do envio de um “embaixador” ao Papa e desejava ser informado sobre o motivo desta atitude da Igreja francesa. A insistência do Monarca irritou o Arcebispo e ambos terminaram a discussão trocando ameaças:

[Rei] - Arcebispo, lembrai-vos que se tem quebrado mais de uma mitra...

[Arcebispo] - Isto é verdade, Senhor; mas conserve Deos a coroa do Rei, porque tambem se tem visto quebrar muitas corôas...⁶⁵

Concluindo esta narrativa, o articulista do jornal *A Estrella do Norte* lembrou aos seus leitores que o reino de Luís Felipe caiu em mãos

⁶⁴ EL-REI Luiz Felipe e Monsenhor Affre. *A Estrella do Norte*, Belém, 15 fev. 1863, n. 7, p. 50.

⁶⁵ *Ibidem*.

sediciosas, o que para ele confirmava o tom profético das palavras do Arcebispo. Enquanto a coroa daquele tombava de sua cabeça e era esmagada, afirmou o jornalista, a mitra do Arcebispo “brilhou até o fim sobre sua fronte de Apóstolo com admirável esplendor”. Ambos, todavia, teriam sucumbido diante das barricadas da Revolução de 1848. Entretanto, na sua ótica, o Arcebispo fora vítima de sua caridade, razão pela qual “apareceu aos olhos da Europa, cingido com a formosa aureola do mártirio”.

Referindo-se ao trabalho do clero, o articulista enfatizava, assim, a idéia de que “a Igreja que elles perseguem é o mais forte sustentáculo dos thronos, e que procurando deprimil-a, elles não fazem mais que apressar a propria ruina”. Mais que isso, que a história reservava para os membros da Igreja um lugar na memória coletiva como mártires que lutavam pelas causas justas.

Através destes artigos, o jornal *A Estrella do Norte* desempenhava um papel importante naquele contexto, divulgando notícias internacionais para leitores que, vivendo numa cidade que crescia rapidamente, devido a prosperidade gerada pelos negócios da borracha, estavam ávidos por novidades. Considerando a freqüência com que eram publicadas tais notícias, podemos concluir que não se tratava apenas de uma preocupação da Diocese do Grão-Pará com os problemas relativos à Igreja, ou seja, tais assuntos também interessavam os leitores do jornal. Do mesmo modo os artigos e notícias carregavam nas palavras seguintes: “inimigos da Igreja Católica”, “saqueadores”, “demônios”, “libertinos”, “propagadores da irreligião”, entre outros, para denegrir os liberais da Província⁶⁶.

É surpreendente o fato de um jornal diocesano, inserido numa cidade em que a tônica jornalística era dar vivas ao progresso, interessar-se pelos temas relacionados à miséria, a destruição e a ruína de algumas cidades européias, principalmente as italianas. A partir desses temas, D. Macedo Costa expressava suas críticas em relação ao avanço liberal na Itália, procurando possivelmente um paralelo com os eventos de sua realidade:

Temos indicado factos irrecusaveis, a divisão dos espíritos, a anarchia da rua, a miseria que desola as cidades e os campos, os ultrages á todas as liberdades, mormente a liberdade individual; posta em tal esqueci-

⁶⁶ CHRONICA Religiosa. *A Estrella do Norte*, Belém, 26 abr. 1863, n. 17, p. 135. O jornal *A Nação*, de Portugal, trocava artigos e notícias com o jornal o *A Estrella do Norte* sobre as situações vivenciadas pelos católicos na Polônia, Irlanda (Dublim), Nápoles entre outros.

mento que palácios e conventos se transformaram em prisões por se tornarem estas insuficientes. Só no reino de Nápoles sessenta e oito bispos estavam vagos, pela morte ou desterro de seus legítimos pastores. O pequeno número de prelados que por insigne favor tem podido ficar em seu posto são alvo de toda a sorte de perseguições e insultos. O arcebispo de Bari acaba de ser preso, e será daqui a pouco levado, sob frívolos pretextos, á barra do tribunal de Trani...⁶⁷

Artigos como este culpavam os liberais pela mazelas existentes nas cidades européias, alertando assim os leitores para os erros que eles poderiam incorrer caso apoiassem idéias semelhantes. A solidariedade para com os italianos, mais especificamente com os habitantes dos Estados Pontifícios e com a Santa Sé, tinha, ainda, uma outra função: reforçar os laços que uniam a comunidade católica, mais especificamente os membros do alto clero, aproximação esta que era fundamental num momento em que setores da instituição pregavam um redimensionamento das relações com o poder temporal e a reafirmação da autoridade episcopal.

Em 6 de janeiro de 1863, o jornal *A Estrella do Norte* publicou um artigo intitulado “Prospecto”, no qual discutiu a constituição da ciência e a natureza das coisas materiais. O argumento desenvolvido por D. Macedo Costa naquela oportunidade foi o de que a ciência não era uma virtude apenas dos homens, mas, como todas as outras coisas, uma criação divina, estando, portanto, acima de qualquer concepção humana. Tal era a sua definição: “A ciência é a luz que emana de Deos”⁶⁸.

É claro que essa visão providencialista era muito própria de um homem da Igreja Católica. Mas, o que nos impressionou nos seus artigos foi que, ao debater com intelectuais e políticos contemporâneos, o Bispo utilizava em seus argumentos os mesmos conceitos dos seus adversários, os liberais, porém redefinindo-os. Sua idéia básica era promover a civilização, mas por caminho diferente, ou seja, por meio da Religião. Num momento em que as disputas partidárias acirravam-se em quase todas as províncias, a estratégia do ultramontano ao abrir espaços no seu jornal para as discussões dos temas que estavam na ordem do dia era trazê-los para o terreno religioso e, dessa forma, colocar os anseios e as aspirações do grupo que representava.

Para D. Macedo Costa, a vida humana não seria nada sem a Religião, pois do contrário o homem se orientaria apenas pelas paixões. Esse

⁶⁷ Um olhar sobre a Itália. *A Estrella do Norte*, Belém, 10 jan. 1864, n. 2, p. 9.

⁶⁸ PROSPECTO. *A Estrella do Norte*, Belém, 06 jan. 1863, n. 1, p. 1.

discurso de inclusão era, também, de exclusão, pois aqueles que não aceitassem os princípios da fé segundo as regras ultramontanas estariam fora de uma civilização católica que se estendia para o mundo celestial, ou seja, além de não pertencer a ordem católica do mundo o ser humano estaria fora dos planos de Deus. A ciência, desprovida da sua natureza divina, levaria o homem a mergulhar na degradação:

Disse um grande sábio que a Religião é o aroma que preserva a sciencia de corromper-se. A Religião é um bálsamo salutar que preserva da corrupção, não só a sciencia, mas todas as manifestações da actividade humana. (...) Laços mysteriosos que nos une ao creador, a Religião nos aperfeiçoa por isso mesmo e nos felicita. Norma eterna e fixa, dirigi-nos a vontade, modera-nos as paixões, restringi-nos os desejos dentro dos limites de uma casta sobriedade; estabelece-nos a alma na serenidade da virtude; alarga-nos os horisontes do espírito; dá-nos consistencia ao carater, nobreza aos sentimentos, perfeição a tudo.⁶⁹

A instrução pastoral de D. Macedo Costa sustentava o uso da ciência como uma dádiva divina para o ser humano, o que na sua época era uma idéia bastante controversa. Afinal, muitos contemporâneos do Bispo acreditavam que o homem, através de seus próprios métodos e instrumentos, seria capaz de explicar todos os fenômenos naturais⁷⁰. Naquela época havia uma profunda crença na razão humana, esta seria capaz de descobrir os mistérios da natureza sem a ajuda direta de Deus.

Para D. Macedo Costa, não era através da técnica que se alcançaria a perfeição, mas da Religião⁷¹. A base do progresso social, portanto, não estava na ciência, mas naquilo que o Bispo chamou de “Santuário Íntimo”: a família, sustentáculo da sociedade. Para explicar essa idéia utilizava a seguinte metáfora: a família era como um edifício, que ruiria caso estivesse baseada em relações não católicas⁷². Este apelo religioso contrastava com aqueles dos que, segundo ele, abraçavam as idéias naturalistas⁷³.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 3. Segundo o autor, a partir do século XVII os intelectuais passaram a abandonar o “enquadramento tradicional do pensamento e das crenças herdadas da Idade Média” e a buscar na própria natureza as explicações para os problemas do mundo.

⁷¹ PROSPECTO. **A Estrella do Norte**, Belém, 06 jan. 1863, n. 1, p. 1.

⁷² *Idem*, p. 2.

⁷³ *Ibidem*.

Em seções como “Extratos” e o “Editorial”, o jornal *A Estrella do Norte* reservava espaço para artigos e notícias publicadas em outros jornais, o que permitia ao Bispo estabelecer debates, explícitos ou não, com outros seus redatores e, desse modo, apresentar seus pontos de vista de uma maneira mais direta. Estas e outras seções desse jornal indicam que, a despeito de sua aparente desorganização, o conteúdo trazia em si um sentido funcional, a exemplo do que alguns autores perceberam nos jornais publicados nas décadas de 1870 e 1880. Assim, apesar de problemas como a reduzida tiragem, o pequeno formato e outros decorrentes dos escassos recursos que os prelos - ainda muito rudimentares - colocavam à disposição dos redatores, sua criatividade conseguia superar o caráter “primário” atribuído à imprensa do período 1830-1870.

Os artigos analisados são importantes no conjunto das idéias defendidas pelos ultramontanos do Grão-Pará, uma vez que apresentam alternativas a outras propostas de sua época. A maioria dos conceitos difundidos pelos liberais era, assim, redefinida por essa ala da Igreja, que preconizava uma sociedade na qual as relações humanas seriam conduzidas ou coordenadas por Deus e, conseqüentemente, pela Igreja, como instância mediadora entre os homens e a divindade.

Portanto, durante a segunda metade do século XIX, a Igreja Católica estava em luta explícita contra idéias que julgava prejudiciais à realização de seus projetos. Entre as propostas mais enfatizadas pelo jornal *A Estrella do Norte* estavam a catequize dos povos, a eliminação de credos não católicos e a afirmação da autoridade eclesiástica. Além das questões apresentadas ao longo deste texto, muitas outras foram tratadas pelos redatores do jornal *A Estrella do Norte*, entre eles o próprio Bispo. Seus projetos sobre a organização da sociedade amazônica não estavam dissociados do que a Igreja Romana, na figura de Pio IX, pretendia concretizar. Mas, não podemos fazer uma associação direta entre D. Macedo Costa e o Papa, uma vez que tal relação poderia comprometer a análise das ações do Bispo no espaço amazônico, cujas necessidades ele certamente conhecia. Acrescentamos a isso o fato de os artigos publicados no jornal enfatizarem uma filosofia de vida, que já não era mais unânime no ocidente oitocentista, mas que nem por isso, deixou de ser importante inclusive na própria formação dos governos modernos e nos modos como os grupos que defendiam a secularização encaravam a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.
- AZZI, Riolando. **A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- _____. **O Altar Unido ao Trono**. Um projeto conservador. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- BARATA, Manoel. Jornais, Revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908. In **Formação Histórica do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- BARATA, Manuel de Mello Cardoso. Estado do Pará: jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908, vol I.
- BASTIDE, Roger. **Brasil: terra de contraste**. 3 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, s/d.
- BASTOS, Tavares. **O Vale do Amazonas**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- BELLAMY, Richard. **Liberalismo e Sociedade Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- BONAVIDES, Carlos; AMARAL, Roberto. **Textos da História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1996, vol. 8.
- COELHO, Geraldo M. **Felipe Patroni e a criação da Imprensa no Grão-Pará**. Belém: A Província do Pará, 3 e 4 de março de 1985.
- DALARUN, Jacques. **Amor e Celibato na Igreja Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FERREIRA, Barros. **Verdades e Mistérios da Amazônia**. São Paulo: Clube do Livro, 1967.
- GAETA, Maria Aparecida J. V. A Cultura Clerical e a Folia Popular. **Revista Brasileira de História**. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. Dossiê Travessia: migrações, vol. 17, n. 34, 1997.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- GODIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

- JORNAIS Paraoaras: catálogo.** Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- LUSTOSA, Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa: Bispo do Pará.** 2 ed. Belém: SECULT, 1992.
- MARAJÓ, José Coelho da Gama Abreu, Barão de. **As regiões amazônicas: estudos chorográficos dos Estados do Grão Pará e Amazonas.** 2 ed. Belém: SECULT, 1992 (Coleção Lendo o Pará).
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia.** Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- REMIJIO, Bellido de. Catálogo dos Jornais Paraenses 1822-1908. Apud BARATA, Mário. Aspectos Históricos do Jornal "A Província do Pará". **Revista de Cultura do Pará.** Belém, Ano 6 – n. 22 e 23.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado (crítica ao Populismo Católico).** São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1979.
- SABORIT, Ignasi Terradas. **Religiosidade na Revolução Francesa.** Tradução Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria do Belém do Grão-Pará.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1963.
- VIEIRA, David. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.** 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 1980.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. **História da Questão Religiosa.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.
- WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência.** São Paulo: Hucitec, 1993.

RESUMO

Civilização Católica: D. Macedo Costa e o Desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX.

O presente artigo discute as idéias de D. Macedo Costa, Bispo da Província do Grão-Pará, veiculadas pelo jornal da Diocese, intitulado *A Estrela do Norte*, que circulou entre 1863 e 1869. Mediante a apresentação pelo Bispo dos projetos para o desenvolvimento da Amazônia, procuramos entender as articulações político-religiosas dessa personagem no contexto de uma sociedade em mutação. Grupos de várias ordens criticavam as intenções do prelado, por temerem o crescimento da influência católica romana nessa região. Assim, trata-se de um embate de projetos entre os chamados clérigos reformadores e grupos que pretendiam a secularização das instituições sociais, tentando construir um caminho civilizador, vinculado aos principais pensamentos modernos difundidos na Europa.

Palavras-chave: Catolicismo; Romanização; Ultramontanismo; Civilização e Liberalismo.

ABSTRACT

Catholic Civilization: D. Macedo Costa and the Amazonian Development in the second half of the XIX century.

This work's subject matter is D. Macedo Costa's political thought. Its focus is his works on Catholic Press *A Estrela do Norte* as a political strategic to settle down in nineteenth century Amazonian society. He had a political project to Amazon in opposition to those who were against Church's interference in state affairs an inspired in European modern thought and its paradigms.

Key-Words: Catholicism; Romanism; Ultramontane; Civilization and Liberalism.